

Entre mulheres. A constituição de parcerias sexuais e afetivas *femininas*¹

Nádia Elisa Meinerz*

Resumo: O objetivo desse artigo é descrever a forma como são estabelecidas as parcerias afetivo-sexuais entre mulheres de camadas médias urbanas na cidade de Porto Alegre. Abordo o papel das redes de relações no agenciamento das parcerias tanto no que diz respeito à organização das formas de sociabilidade quanto nas trocas de informações sobre parceiras potenciais. Outro foco de análise são os critérios de escolha de parcerias e as performances de gênero que tornam as mulheres parceiras desejáveis ou não.

Palavras-chave: Parceria afetivo-sexual, Gênero e Sociabilidade.

Between women. The constitution of feminine sexual and affective partnerships

Abstract: The aim of this paper is to describe how homoerotic relationships are established among women from urban middle classes. It discusses the networks role on the constitution of the couples in terms of sociability choices, possibilities to know potential partners and exchanging information. Another analytical focus is the criteria using by women to choice their partners and the gender performances that make one woman desirable or not.

Key-words: female homoerotic relationships, gender and sociability.

Introdução

Neste artigo, abordo a temática da homossexualidade feminina a partir da perspectiva antropológica do estudo das práticas cotidianas e dos seus efeitos para a conformação da subjetividade dos sujeitos. No campo da sexualidade, essa abordagem adquire relevância a partir do deslocamento do foco de estudo do indivíduo sexual para uma abordagem que privilegia os entrecruzamentos da

¹ A grafia do termo *feminina* e de outros termos ao longo do texto em itálico objetiva sinalizar o caráter êmico da referência. Também as palavras entre aspas indicam que a leitura realizada não é de minha autoria e sim das referências bibliográficas que as acompanham.

* Mestre e doutoranda em antropologia social – UFRGS; Prof^ª. do Instituto de Ciências Sociais da Universidade Federal de Alagoas. E-Mail: nadiameinerz@yahoo.com.br

sexualidade com outras esferas da vida social como as relações de gênero, a classe social, o pertencimento étnico ou racial e mesmo especificidades regionais. Nessa linha, desloco o foco de investigação das “identidades sexuais” para a análise das práticas e significados envolvidos no agenciamento de parcerias sexuais e afetivas entre mulheres.

Na esteira das críticas à pretensa universalidade da categoria mulher elaboradas por Haraway (1995) Butler (2002), entre outras, procuro explorar a produção de diferenças de gênero entre as mulheres a partir do compartilhamento de determinadas experiências afetivo-sexuais. Em relação ao grupo estudado, analiso a reivindicação de um tipo específico de feminilidade relacionado à conformação de um gosto de classe característico das camadas médias urbanas. Essa reivindicação diz respeito não apenas à apresentação de si, mas também à elaboração de uma inteligibilidade da preferência erótica.

As interpretações esboçadas ao longo do texto resultam de uma pesquisa etnográfica realizada com mulheres que se relacionam sexual e afetivamente com outras mulheres, pertencentes aos segmentos médios urbanos da população na cidade de Porto Alegre. O universo de estudo é constituído por mulheres brancas (em sua maioria), na faixa etária entre vinte e quarenta e cinco anos, que concluíram ou estão concluindo curso superior ou pós-graduação. Trata-se de mulheres que atuam em diversas áreas profissionais, como jornalistas, psicólogas, historiadoras, professoras universitárias, biólogas, empresárias, funcionárias públicas, entre outras.

A pesquisa foi desenvolvida entre junho de 2003 e setembro de 2004 e consistiu no acompanhamento, através de observação participante, de situações de sociabilidade e busca por parceiras de mulheres vinculadas a quatro diferentes redes de relações sociais. Além disso, foram realizadas dez entrevistas em profundidade, partindo de um roteiro semi-estruturado. As questões exploram a trajetória afetivo-sexual das mulheres, as escolhas de sociabilidade e lazer, as preferências de gênero em relação à apreciação de potenciais parcerias, a conjugalidade, as práticas sexuais e os cuidados corporais.

Ao longo do artigo, descrevo os espaços de sociabilidade nos quais as parcerias sexuais e afetivas entre mulheres se estabelecem. A linha principal de diálogo é discussão clássica sobre conformação no espaço urbano de territórios especializados na promoção de ofertas de lazer e consumo GLS. Minha argumentação aponta para a sobreposição das redes de relações tanto nas escolhas por espaços de sociabilidade quanto para o agenciamento das parcerias *femininas*, em relação aos estabelecimentos GLS. A opção por um tipo de sociabilidade que caracterizei como ‘fora do gueto’ faz com que a conformação das parcerias se apresente de maneira mais diluída, num contexto onde as próprias fronteiras entre homo e heterossexualidade são menos fixas.

Além dos espaços, analiso também as narrativas sobre o tipo de parceira desejável, as performances de gênero e as práticas de sedução e conquista que perpassam o agenciamento das parcerias. A partir da apresentação desses dados, o tipo de feminino valorizado pelo grupo vai sendo delineado em oposição a outros

femininos menos desejáveis, como o da *caminhoneira*, da *perua* e da mulher *bafo*. Para além da definição de um desejo pelo mesmo sexo, defendo que as parcerias sexuais e afetivas podem ser interpretadas de forma mais consistente a partir das preferências de gênero.

Na organização do texto, a discussão destes dados é precedida por um detalhamento teórico e metodológico do objeto que orientou o trabalho etnográfico. Discuto a opção pela noção de parceria sexual e afetiva ao invés do recurso a conceitos mais consolidados do ponto de vista teórico, como o de homossexualidade feminina (afinado com uma leitura médica das relações) ou então o de lesbianidade (mais próximo das reivindicações políticas do movimento social).

Parcerias Afetivo-Sexuais: que objeto é esse?

A homossexualidade feminina é um tema ainda pouco explorado pelas ciências sociais brasileiras, principalmente se comparado à heterossexualidade e a homossexualidade masculina. Isso se deve, em alguma medida, à vinculação entre a produção de conhecimento sobre sexualidade e as demandas sociais em relação ao enfrentamento da epidemia do HIV/AIDS e à preocupação com a saúde reprodutiva. Vale destacar, entretanto, que nos últimos anos o movimento lésbico organizado tem feito inúmeros esforços tanto no sentido de questionar essa disparidade, buscando no espaço acadêmico uma maior visibilidade para as relações entre mulheres, quanto no sentido de colaborar com as pesquisas acadêmicas².

Além de sinalizar para a importância desse tipo de pesquisa, nos cabe também questionar em que medida as ferramentas teóricas construídas no campo da sexualidade nas últimas décadas são operativas para compreender as relações sexuais e afetivas estabelecidas entre mulheres. Destaco aqui, em especial, a discussão sobre identidade. Mesmo acentuando o caráter transitório e instável, sob rasura das identidades, submetendo o conceito a constantes críticas e revisões, sua referência ainda tem sido indispensável. Falamos em homossexualidades e identidades lésbicas³, acentuando a leitura no plural, em homoerotismo (Costa, 1992) buscando romper com o caráter substantivo e medicalizado, também em relações homocorporais (Heilborn, 2004) para re-colocar a ênfase na corporalidade. Todos esses termos objetivam ainda estender o escopo de análise àquelas relações

² Almeida (2005); Pinheiro (2004) Facchini (2008) são exemplos importantes de pesquisas brasileiras que foram realizadas a partir da colaboração do movimento lésbico.

³ Esses são os termos que têm sido empregados atualmente no Brasil na organização de grupos de trabalho em reuniões científicas, como as reuniões de antropologia, seminário Fazendo Gênero, entre outros. Pesquisadoras como Miriam Grossi e Ana Paula Uziel, tem se utilizado dessas denominações.

de resistem à classificação, àquelas práticas e significados cujas características não se enquadram muito bem nas nossas definições.

A fim de trilhar um caminho distinto, deixo de lado as referências identitárias, optando pela experimentação de uma abordagem mais frouxa em termos conceituais, através do recurso ao termo parceria afetivo-sexual. O que são exatamente parcerias afetivo-sexuais e o que essa abordagem implica em termos metodológicos é o que pretendo explicar ao longo dessa sessão. De certa forma, essa abordagem diz respeito à idéia de mulheres que fazem sexo com mulheres, que por sua vez é devedora da discussão feita no campo da saúde em relação a homens que fazem sexo com homens. Ambas as categorias privilegiam a abordagem das práticas sexuais sobre o estudo das identidades sexuais ou de gênero. Trabalhos como o de Facchini (2004) e Barbosa e Koyama (2006) são exemplos bem sucedidos que adotaram essa terminologia a partir de uma reflexão crítica. As principais críticas a essas categorias são elaboradas a partir do argumento de Mott (2000) sobre a utilização dessa categoria para dissolver as discrepâncias entre desejos, práticas e identidades sexuais entre homens. O perigo estaria justamente na re-criação de um sujeito universal, no caso, mulher, fundado na suposta materialidade e estabilidade do sexo biológico. Assim, ao explorar a diversidade de comportamentos em relação à sexualidade, estaria aprendendo variações de um “ser mulher” universal.

Se ao utilizar essa designação não estou me referindo ao comportamento sexual, que objeto é esse afinal? Na língua portuguesa o termo parceria pode se referir à “reunião de pessoas com vistas a um interesse comum”⁴. Abordada do ponto de vista sociológico, esse termo pode ser utilizado para designar aquilo que Simmel (1983) define como uma “forma lúdica de socição”. Nesse sentido, entendo parceria como uma forma de sociabilidade que, dentre outras coisas, abarca uma atividade sexual e/ou afetiva.

Do ponto de vista metodológico, esse recorte permite contemplar não apenas aquelas mulheres que se identificam como “homossexuais” ou “lésbicas”, mas também outras mulheres que não se enquadram nessas categorias nem em quaisquer outras que tomem como foco a sexualidade. Como nos mostra Heilborn (1996), não é incomum, principalmente nos contextos de camadas médias urbanas, como o que é aqui investigado, a sexualidade não ser considerada como uma dimensão a ser privilegiada pelos indivíduos na apresentação de si. Além disso, a noção de parceria sexual e afetiva possibilita a apreensão de uma variabilidade de configurações sexuais e afetivas que perturba a estabilidade da oposição entre heterossexualidade e homossexualidade. Dentre os dados coletados no trabalho de campo, destaco alguns, a título de exemplo: as mulheres que se relacionam sexualmente com homens e mulheres; mulheres que depois de uma trajetória heterossexual, passam a se relacionar exclusivamente com mulheres; auto-identificadas heterossexuais que tiveram ou mantêm relações sexuais e afetivas com outras mulheres; mulheres envolvidas relações grupais, das quais fazem parte

⁴ Essa definição é dada pelo dicionário Aurélio Escolar, reeditado em 2004.

o marido e outra mulher, além de mulheres que apenas participam de jogos e sedução e conquista, mas que não têm práticas sexuais.

A noção parceria sexual e afetiva está muito longe de ser uma designação êmica. No entanto, defendo que ela possibilita explorar como as mulheres de determinado segmento social – as camadas médias urbanas, - numa determinada região do país, a cidade de Porto Alegre, dão forma e significado às *histórias* que elas têm ou tiveram com mulheres. O termo *história* (esse sim uma referência êmica) é utilizado de forma bastante elástica entre o grupo pesquisado, podendo significar desde uma relação conjugal de longa duração até uma parceria eventual, um transa numa noite ou mesmo uma paquera insistente. Mais do que algo que se desenrola entre duas pessoas, uma *história* é sempre alguma coisa contada para um terceiro ou por um terceiro, é compartilhada entre as redes de relações, é revelada para a pesquisadora. Uma *história* pode não significar o estabelecimento de uma parceria sexual e afetiva. Na verdade, muitas das *histórias* que ouvi e outras das quais fiz parte giraram em torno de parcerias potenciais, as quais circulavam num campo de possibilidades orientado muito mais por expectativas de gênero e de classe social, do que pelo compartilhamento de características biológicas ou pela preferência por determinadas práticas sexuais.

Do ponto de vista antropológico, a condição de parceria potencial permite relativizar a pressuposição e uma clara diferenciação entre a homossexualidade do grupo pesquisado e a heterossexualidade da pesquisadora. No caso da presente pesquisa uma das principais condições da interação com o grupo pesquisado foi à condição de parceria potencial. Ou seja, além de uma pesquisadora interessada no estudo da homossexualidade feminina, no campo eu era também uma mulher que poderia se abordada com intenções de constituição de uma parceira sexual e afetiva. As minhas atitudes em campo, ao abordar assuntos referentes à sexualidade, ao buscar informações sobre outras mulheres, ao tentar me inserir nas redes de relações, privilegiando o contato com mulheres envolvidas em algum tipo de relação homerótica, podiam ser, o tempo inteiro, interpretadas pelas participantes da pesquisa como intenções sexuais e afetivas⁵.

Em virtude dessa capacidade de apreensão não apenas das relações sexuais e afetivas, mas também das potencialidades, considero a noção de parceria sexual e afetiva como uma ferramenta profícua para a compreensão dos sentidos atribuídos pelo grupo pesquisado à própria interação sexual e as repercussões desta do ponto de vista da subjetividade.

⁵ Para uma descrição pormenorizada da situação de parceria potencial que perpassou o trabalho de campo e reflexão sobre as peculiaridades da pesquisa etnográfica envolvendo sexualidade consultar Meinerz (2007).

Sociabilidade fora do Gueto

Uma das principais preocupações metodológicas decorrentes do abandono do referencial identitário fixo é a necessidade de explorar o contexto de significados sexuais e de gênero no qual a parceria sexual e afetiva feminina pode se estabelecer. Tendo recortado o universo de pesquisa em torno das mulheres de camadas médias, o primeiro passo da etnografia foi buscar os espaços de sociabilidade nos quais as parcerias se estabeleciam. A opção foram os bares e boates voltados ao público GLS⁶, os quais se localizam próximos ao centro da cidade de Porto Alegre, em grande parte no bairro Cidade Baixa e suas imediações. Essa escolha segue uma orientação da literatura sobre homossexualidade que privilegia a discussão sobre a formação, no espaço urbano, de espaços estreitamente vinculados à orientação sexual dos sujeitos, mais especificamente, a formação de guetos gay.

Muitos estudos sobre homossexualidade, como os de Levine (1979), de Pollak (1983) e de Perlongher (1987) privilegiam a formação, no espaço urbano, de espaços estreitamente vinculados à orientação sexual dos sujeitos, mais especificamente, a formação de guetos gay. A expressão gueto foi apropriada pela Escola de Chicago para descrever, no contexto norte-americano, as redes de vizinhança habitadas por negros, judeus ou grupos provenientes de outra nacionalidade ou origem étnica. De acordo com Perlongher (1987), o termo passou a ser associado à homossexualidade a partir da tentativa de Levine de legitimar a noção de “gay ghetto”⁷.

Perlongher propõe um uso crítico da expressão “gueto gay”, conceituando de forma flutuante e não delimitada geograficamente, com o objetivo de se referir “aos *sujeitos* envolvidos no sistema de trocas do mercado homossexual (...) e aos *locais* onde as atividades relacionadas com sua prática sexual (e geralmente também existencial) se exercitarem com frequência consuetudinária” (PERLONGHER, 1987, p.66). Para o autor, uma das vantagens da utilização do termo gueto, em termos descritivos, é que essa palavra foi incorporada, em grande medida, ao meio homossexual.

No que tange à bibliografia acerca da homossexualidade feminina, destaco o trabalho de Perucchi (2001), que se apropria do termo gueto para descrever uma boate, caracterizada como espaço cultural e de lazer, que seria um território reconhecido por seus frequentadores como o “gueto GLS florianoopolitano”. A autora centra sua análise na importância do gueto para a formação de modos de

⁶ A sigla significa *Gays*, Lésbicas e Simpatizantes e surge por volta da década de noventa para designar a proliferação de ofertas de lazer direcionadas a esse público, as quais segundo Facchini (2005) constituem uma espécie de mercado que assume um papel importante na constituição de identidades e estilos de vida relacionados à sexualidade.

⁷ Levine (1979) procurava adaptar as condições definidas por Wirth (1969): concentração institucional, área de cultura, isolamento social e concentração residencial, aos bairros de predomínio homossexual em Boston, Nova York, Chicago, São Francisco e Los Angeles.

vida e, em consequência, na construção de subjetividades. Sua argumentação enfatiza o discurso das entrevistadas, sua caracterização do gueto como um lugar de proteção. Nesse sentido, fica evidente a apropriação por parte do público do termo gueto, já destacada por Perlongher em 1987. Para a autora, a experiência do gueto como fundamental no processo de identificação dos indivíduos a partir da percepção de que no gueto se está “entre iguais”. Por outro lado, ela também considera que o gueto reflete a lógica excludente da sociedade ao cercar a liberdade de expressão dos indivíduos a determinados espaços. Por outro lado, considera (PERUCCHI, 2001).

Na experiência de trabalho de campo em Porto Alegre, desde as primeiras observações em espaços GLS pude perceber que eles não eram exatamente espaços privilegiados para o estabelecimento de parcerias entre mulheres. Ocorre que a presença das mulheres nesses espaços é muito pouco expressiva se comparada a de homens gays. A exceção são alguns bares de rua nos quais algumas vezes encontrava grupos maiores de mulheres. Mesmo assim, a apropriação feita pelos indivíduos do termo gueto também aqui está relacionada ao processo de conformação da subjetividade no grupo estudado. No entanto, o sentido dado a ele é completamente distinto, ao invés de uma identificação o que pude observar foi um movimento próximo da contraposição. Ao falarem sobre os espaços GLS, não eram incomum ouvir das mulheres: *a gente não frequenta muito gueto* ou então, *nós não vamos apenas a lugares gays*.

Ao chamarem minha atenção para sua frequência a outros espaços lúdicos como boates, bares, cafés, restaurantes, atividades culturais e artísticas, viagens turísticas, sem nenhuma proposta GLS, as mulheres pesquisadas reivindicam a possibilidade de frequentarem os mesmos lugares *que qualquer casal heterossexual*. Essa reivindicação a partir de uma justificativa igualitário-individualista é característica do desenvolvimento, em meio ao espaço urbano, de uma espécie de individualismo quantitativo. Segundo Simmel, o “singleness” abarca a perspectiva de uma “independência individual” e tem como efeito a promoção simultânea da diferença do indivíduo frente aos demais e a igualdade de todos os indivíduos entre si (WAITZBORT, 2000).

Em contraposição à idéia de gueto, as preferências das mulheres giram em torno de espaços de sociabilidade descritos como *sem preconceito*, voltados a um público *aberto* ou *alternativo*. Esse é o caso de bares como *Yang* e o *Mediterrâneo*, a *Lancheria do Parque*, a *Nova Olaria*, o *Mix Bazar*, a festa *Bagasexta*. Estes espaços, apesar de não possuírem uma proposta GLS foram apropriados por esse público, sendo referidos pelas mulheres como importantes espaços de lazer. Passei a identificar tais lugares como espaços de sociabilidade GLS à medida que aumentava minha inserção em diferentes redes de relações, e passava a visitá-los acompanhada de minhas informantes. Mesmo não configurando a maioria do público, essa apropriação é largamente reconhecida tanto entre a população gay quanto pelo público em geral.

Essa preferência por espaços *alternativos* pode ser sintetizada no depoimento de Márcia (empresária, 42 anos), que foi proprietária de uma casa noturna GLS, chamada *Fim do Século* nos últimos anos da década de noventa.

“Eu não gosto de me fechar sabe, eu não gosto dessa coisa de gueto, de ir sempre naqueles mesmos lugares e encontrar sempre aquelas mesmas pessoas. Tipo essa festa que estava tendo do Clube da Luluzinha, eu até fui com a Ana, mas eu não gostei sabe, ir de vez em quando tudo bem sabe, pra ver como é que é e tal, mas gostar mesmo eu não gosto. Eu gosto de diversidade, eu gosto de ter experiências diferentes, eu procuro encontrar pessoas que gostem de fazer o que eu gosto, e isso não importa, sabe se é gay, se é lésbica, se é heterossexual. Mesmo quando eu tinha o ‘Fim de Século’, ele não era um gueto sabe, e foi um grande sucesso, ele deu certo exatamente porque era um lugar aberto, um lugar alternativo. Ele foi o princípio do GLS aqui em Porto Alegre porque ia de tudo mesmo, não tinha um público específico, iam muitas pessoas gays, mas também ia muita gente hetero.”

A busca por espaços *abertos* sintetiza a inserção da parceria homoerótica num circuito de relações que pressupõem certo nível de escolarização, no qual a orientação erótica dos indivíduos adquire menos relevância. A fala de Márcia mostra que, no que tange às escolhas de sociabilidade, predomina a busca por relações com pessoas de diferentes orientações sexuais, em detrimento da exclusividade nas relações com pessoas de mesma orientação sexual. Esse tipo de manifestação faz sentido se contextualizada num universo de valores e gostos de camadas médias.

Em virtude disso, entendo que a designação *gueto* possui conotação pouco produtiva para entender o contexto estudado. Em termos analíticos, se utilizada isoladamente ela homogeneiza as escolhas de sociabilidade das mulheres envolvidas em parcerias afetivo-sexuais com mulheres. Do ponto de vista analítico me afino com apropriação proposta por Perlonguer (1987) do conceito de região moral, elaborado por Park (1979)⁸, tendo em vista a concentração dos espaços GLS e também daqueles espaços classificados como *mais abertos* no bairro Cidade Baixa e arredores. Nessa região as práticas relacionadas á diversidade sexual adquirem

⁸ Segundo este autor, o espaço urbano está dividido em círculos concêntricos de delimitação imprecisa que agrupa certas populações e sua perambulação em busca de sexo e divertimento. Em suas palavras: “É inevitável que os indivíduos que buscam as mesmas formas de diversão devam de tempos em tempos se encontrar nos mesmos lugares. O resultado disso é que, dentro da organização que a vida citadina assume espontaneamente, a população tende a se segregar não apenas de acordo com seus interesses, mas de acordo com seus gostos e temperamentos (PARK, 1979:64).

maior visibilidade, como podemos evidenciar pela realização das *Paradas Gay* no principal parque das imediações⁹.

O bairro é caracterizado por uma concentração de espaços lúdicos e opções de lazer noturno, que gira, em grande medida em torno da população universitária (e pré-universitária) que reside neste ou em suas imediações. A caracterização da Cidade Baixa como uma região de maior tolerância às manifestações de *homossexualidade* é amplamente reconhecida pela população, de forma a ser expressa inclusive de forma jocosa através da expressão *Cidade Bicha*.

A presença de mulheres chega a ter alguma expressividade, nos espaços GLS, apenas em circunstâncias especiais, relacionadas a eventos, como determinados *shows* ou festas de aniversário, comemoradas no local. Conversando com as mulheres que encontrava nos locais e com funcionários dos estabelecimentos acerca do assunto, aprendi que a presença feminina estava concentrada em alguns dias específicos. No *Venezianos Pub*, por exemplo, pode-se observar uma presença mais expressiva de mulheres na sexta feira, o dia da *Roda de Viola*. Na época do trabalho de campo, uma das razões mais comuns dadas pelas mulheres para a frequência ao local, além da música, era a cantora, considerada muito atraente.

Desse modo, o trabalho de campo mostrou que os espaços privilegiados para sociabilidade e para o estabelecimento de parcerias sexuais e afetivas são eventos como festas particulares, jantares em casa, viagens e programações de final de semana, com grupos de amigas. Trata-se de eventos para os quais as mulheres são contatadas pelas redes de relações. Muitas festas particulares acabaram por se tornar grandes festas públicas, com público esperado de duzentas a quatrocentas mulheres. Um exemplo é a festa do *Gaia Mix* organizada mensalmente desde a metade de 2003, ou então a *Festa da Luluzinha*, que ainda estava, no momento da pesquisa, em suas primeiras edições. Da mesma forma que essas festas, a *Roda de Viola* do *Venezianos* e a *noite gay* do *Ocidente*, ou mesmo *shows* de algumas cantoras, se caracterizam pela expressividade da presença feminina se comparados aos demais bares e boates que são espaços GLS. Em virtude disso, entendo que na escolha por espaços lúdicos de sociação entram em jogo outros tipos de vínculo construídos no âmbito dessas redes (amizade com os proprietários, preferência pelos produtos e serviços oferecidos) se sobrepõe à solidariedade homoerótica¹⁰.

⁹ Em Porto Alegre a mais tradicional Parada Gay leva o nome de *Parada Livre* tendo como principal ong organizadora o Nuances (Grupo pela Livre Expressão Sexual). Desde 2005 é realizada paralelamente uma segunda parada gays, a do *Orgulho GLBTT*, cuja organização está em grande medida a cargo de uma outra ong, o Somos.

¹⁰ No que tange à associação dos espaços GLS com a formação de comunidades de identificação baseadas na orientação homoerótica, faço referência ao argumento de Pollak, acerca das especificidades de vivência da homossexualidade relacionadas ao pertencimento a determinado segmento sócio-econômico. Esse autor destaca uma importante relação entre capital cultural e oportunidades de acesso a uma homossexualidade livre. Dessa forma, por desfrutarem de uma maior aceitação social por parte das famílias e dos colegas de trabalho,

As redes de relações são elementos fundamentais na organização da sociabilidade e também no agenciamento da parceria feminina à medida que se sobrepõem à lógica da territorialização articulando lugares voltados ao público GLS, espaços *alternativos* por ele apropriados por esse público, e também outros espaços, *normais, heteros*. Elas incluem, além das amigas que também se relacionam com mulheres, os *amigos gays* e os amigos (as) percebidos como heterossexuais.

Nesse sentido, não foram raras às vezes em que as mulheres disseram que tinham muito mais vínculos de amizade com homens *gays*, mulheres e casais *heterossexuais* do que com mulheres de *orientação homossexual*. A importância desses vínculos é evidenciada quando as mulheres falam sobre a participação dos *gurus*, como elas chamam seus amigos gays, no estabelecimento das parcerias sexuais e afetivas. A título de exemplo lembro uma conversa com Paula (psicóloga, 28 anos):

“Pois é Nádia, na verdade eu saio muito mais com homens, bichas né, porque entre essas mulheres que eu te falei (referindo-se a um grupo de amigas lésbicas com as quais saía quando era mais jovem) rola muita fofoca. Fica o tempo inteiro uma falando mal de outra pra ti e de ti pra guria que tu estava, porque sempre uma está interessada em ficar com a namorada da outra. Por isso, sabe, eu não consigo mais confiar nelas e no geral eu acho que os homens, que são bichas, são mais confiáveis que as mulheres e aí eu acabo saindo sempre com homens. Entre as mulheres tem sempre muita competição. Essa menina que eu estava na semana passada, a gente tá se conhecendo, quem me apresentou ela foi o Marcos.”

Paula contrapõe suas amigas lésbicas, companheiras de festa, de sua juventude, aos amigos *bichas* com os quais costuma sair atualmente. Entre estas, o *conhecimento* prévio que venho assinalando como significativo para o estabelecimento das parcerias, assume a caracterização de *fofoca*. Em sua descrição a *competição* aparece como característica ameaçadora e sempre possível no circuito de amizade do qual fazem parte mulheres que se relacionam com mulheres. Ao contrário, os homens *bichas* são descritos na fala como *mais confiáveis* na intermediação direta do estabelecimento das parcerias.

Essa confiança, que é compartilhada também pelas mulheres em situação conjugal, está relacionada no meu entender à ambigüidade da relação entre amizade e parceria potencial. Os *amigos gays*, não sendo uma parceira potencial, transmitem informações mais *seguras* quanto às parcerias potenciais e ao mesmo tempo não representam uma ameaça às parcerias estabelecidas. De modo semelhante, as amigas *heterossexuais* também têm precedência sobre as de orientação *homossexual* à medida que são percebidas como *menos ameaçadoras* aos relacionamentos constituídos.

os indivíduos pertencentes a grupos médios “se apóiam menos na comunidade homossexual para construírem o seu equilíbrio afetivo” (POLLAK, 1988, p.29).

Esse cálculo da confiabilidade pode ser lido, do modo como é proposto por Béjin e Pollak (1977), do ponto de vista de um processo de racionalização da sexualidade. Olhando por esse ângulo, as informações e impressões trocadas acerca das parcerias potenciais posicionam as mulheres no “mercado sexual”. Para os autores o “mercado sexual” tem como moeda o prazer trocado entre os parceiros, e tal forma que as ligações entre os indivíduos independem dos laços sociais estabelecidos. No entanto, as trocas estabelecidas são sempre desiguais porque envolvem sujeitos com recursos não sexuais diversos (em seu favor), tais como elementos estéticos, materiais e simbólicos. Além disso, por situarem as mulheres dentro de um campo de possibilidades de trocas sexuais e afetivas elas se convertem em novas formas de controle social¹¹.

Dessa leitura, decorre a idéia de que as amizades entre mulheres que se relacionam com mulheres, são caracterizadas por uma ambigüidade fundamental: por um lado, a cumplicidade de quem compartilha experiências sexuais e afetivas semelhantes e, por outro, a competição inerente à parceria potencial. Não pretendo com essa argumentação menosprezar as características de cumplicidade, ajuda mútua e solidariedade, que, de acordo com Carrega (2003), caracterizam as relações de amizades entre mulheres de orientação homoerótica. Minha intenção é apenas chamar atenção a uma outra dimensão dessas relações, a tensão que lhes é constitutiva.

Uma outra dimensão de ambigüidade está relacionada à linha tênue que separa amizade e a parceria sexual e afetiva. De certa forma, toda amiga pode ser uma parceira potencial e de fato muitas parcerias *iniciam* como amizades. Na conversa com Paula, apresentada acima, ela fala de uma mulher como quem saiu algumas vezes. O processo descrito por ela como estar *se conhecendo* é definido muitas vezes como amizade. Esse encadeamento de relações é muito comum quando a parceira potencial é reconhecida como heterossexual. Olhando pelo ângulo dos jogos de visibilidade, a apresentação da parceira como amiga é uma das formas utilizada pelas mulheres para fazer com que a parceria passe despercebida.

Cabe aqui uma referência ao trabalho de Schutz (1979) no que concerne à sua argumentação sobre o trânsito dos indivíduos por diversas “províncias de significado” a partir das quais é possível pensar o agenciamento da parceria feminina como diluída em meio às outras relações sociais que as mulheres estabelecem, tais como trabalho, estudo, atividades artísticas e culturais, escolhas de lazer, internet, entre outros.

¹¹ Uma das principais condições dessa racionalização são a formação e a legitimação do corpo de especialistas da sexualidade, os sexólogos. Essa elaboração é contemporânea do trabalho de Foucault e desenvolve argumentos semelhantes aos desse autor, no que concerne ao processo de racionalização da sexualidade. A referência ao seu trabalho é adequada no contexto desse trabalho porque ele confere maior centralidade às práticas sexuais e aos comportamentos relacionados a elas, elementos o quais escapam do foco análise de Foucault.

Desse modo, sem desconsiderar a importância dos espaços GLS para a expressão sexual e afetiva dos pares femininos, entendo que a relação das mulheres com estes espaços adquire um caráter menos totalizador, não podendo ser pensado em termos de uma comunidade de identificação. Nessa direção, os dados sugerem a predominância de três possibilidades de interação com potenciais parceiras: i) em um espaço voltado ao público GLS ou apropriado por este, como os referidos anteriormente; ii) através de amigos ou conhecidos comuns; iii) pela internet. Embora predomine, na trajetória das mulheres entrevistadas, a parceria com mulheres apresentadas ou contatadas através de amigos ou pessoas conhecidas, são possíveis várias combinações envolvendo essas três possibilidades de *conhecer* uma parceira ou, pelo menos, obter informações sobre ela. Cito esse dado porque nas relações entre mulheres que acompanhei, *conhecer* previamente, seja diretamente no sentido de já ter visto ou interagido com a mulher em outro lugar ou indiretamente no sentido de possuir informações acerca dela, é um elemento fundamental para o estabelecimento da parceria¹².

Entre os estudos que se dedicam à temática da homossexualidade feminina, esses dados não podem ser vistos como uma novidade. Heilborn (2002) e Muniz (1992), estudando o contexto carioca e evidenciam a existência de um número menor de estabelecimentos voltados ao público homossexual feminino. Essas autoras assinalam a existência de uma “cultura pública” menos expressiva entre os pares femininos. Para Heilborn, essa leitura está associada à compreensão do par feminino como mais inclinado a conjugalidade e retração ao ambiente doméstico. Muniz (1992) por sua vez, enfatiza a invisibilidade social da homossexualidade feminina. Para essa autora, vivemos em uma cultura em que a compreensão do erótico gira em torno do pólo masculino, de tal modo que a experiência lésbica se torna pouco inteligível socialmente.

De minha parte, vejo algumas dificuldades na adequação dessa leitura ao contexto aqui estudado. Na cidade de Porto Alegre, onde não há uma separação entre espaços voltados para o público homossexual masculino e feminino, o que se observa é uma frequência muito menos expressiva das mulheres nos espaços GLS. Isso, porém, não pode ser entendido como indicador de que as mulheres que se relacionam com mulheres transitam menos pelo espaço público, em suas escolhas de sociabilidade, lazer noturno e busca por parceiras. Como argumentei ao longo desta seção elas o fazem, porém, de um outro modo - através de articulações realizadas pelas redes de relações - e principalmente, a partir de outros critérios. Aqui, o investimento em uma sociabilidade qualificada no sentido proposto por Velho (1996), baseada em afinidades psicológicas e sociais, se sobrepõe ao compartilhamento de experiências exclusivamente relacionadas à sexualidade.

A noção de “cultura pública” espelha a argumentação sobre os guetos gay exposta acima, à medida que vislumbra no espaço urbano uma apropriação

¹² Essa necessidade de uma interação prévia pode significar apenas uma troca recíproca de olhares, uma referência verbal por parte de amigos, ou um contato com o *perfil* da potencial parceira na Internet.

simbólica que têm como foco a sexualidade, e especificamente a separação entre homossexualidade e heterossexualidade. Também a avaliação de uma menor expressividade no âmbito da homossexualidade feminina só faz sentido se contraposta a uma “cultura pública” homossexual masculina mais expressiva, tanto do que se refere à oferta de espaços de sociabilidade quanto à visibilidade social. De minha parte, procurei olhar para os dados sobre sociabilidade e subjetividade por outro ângulo, privilegiando principalmente os pontos de convergência entre hetero e homossexualidade.

Nem caminhoneira e nem perua

Até aqui, argumentei sobre a importância das redes de relações para o estabelecimento da parceria sexual e afetiva feminina, detalhando seu papel de mediadora das interações e da dinâmica dos jogos de sedução e conquista entre as potenciais parceiras. É no contexto dessas redes que os significados do feminino são construídos. Ao observar a busca de informações sobre potenciais parceiras, percebi que ela está relacionada a critérios de seleção, orientados por um sistema de preferências que, mais do que individuais, são socialmente compartilhados a partir de um estilo de vida que orienta a construção social do feminino desejável.

Antes de proceder numa apresentação mais sistemática dos dados, é importante retomar que o grupo pesquisado é parte das camadas médias urbanas tendo sua trajetória marcada, geralmente por uma elevada escolaridade. Nesse sentido, no que se refere às relações de poder, destaco a relevância das diferenças de classe social acionadas no processo de construção do feminino. Acostumadas a discussões teóricas, as mulheres se utilizam de conceitos das ciências sociais, da psicologia, da filosofia, da biologia, para pensar sobre si e sobre as suas relações, principalmente para refletir sobre as questões colocadas no âmbito dos movimentos sociais como movimento feminista e movimentos pela livre expressão sexual. Essa consideração é importante porque ajuda a contextualizar certo consenso que existe no grupo na reivindicação e na defesa a feminilidade. Não só as mulheres se consideram femininas, preocupavam-se em parecer femininas quando valorizam nas suas parcerias (potenciais ou efetivas) esse atributo. Mas que feminino é esse que elas reivindicam? Quais são os sentidos de gênero dos quais elas procuram se diferenciar?

Em primeiro lugar chamo atenção para contraposição à masculinidade. O rechaço pela performance masculina, é percebido na fala de Aline (32 anos, Jornalista) logo na minha primeira saída de campo, durante a Parada Livre de 2003: *Aquelas sapatas masculinizadas* diz ela apontando o dedo na direção de grupo de quatro ou cinco moças vestidas de calça social, camisa e gravata, cabelos curtos (de cortes simples) ou amarrados, sem maquiagem, conversando entre si. *Essas sim, que tu devia pesquisar*, dizia Aline, afirmando a sua normalidade frente ao outro grupo.

A personificação mais precisa da mulher masculinizada elaborada pelo grupo é a *Caminhoneira*. Essa designação é empregada para falar sobre um *tipo de mulher* com a qual elas jamais se relacionariam. A *caminhoneira* é sempre a outra, da qual as mulheres querem se diferenciar e diferenciar as suas parceiras. Entre as características que compõe esse estereótipo destaca-se a forma física: as caminhoneiras são sempre descritas como gordas e feias. No entanto, mais do que o biotipo as mulheres estão falando do que entendem como uma proposital despreocupação ou desleixo com a aparência. A propósito de evidenciar essa caracterização trago a fala de Sílvia (24 anos, técnica em eletrônica), sobre o tipo de mulher com a qual jamais se relacionaria:

“Eu jamais ficaria com uma mulher que, se eu olho eu não vejo se é mulher ou se é homem. Não precisa ser magérrima, mas também não pode ser um balão. E, de jeito nenhum eu ficaria com a mulher caminhão, que usa poxete, corta o cabelo assim e separa para o lado, usa camisa social. Olha tem muito homem bonito que eu pensaria em sair antes de sair com uma mulher dessas.”

Parecer com um homem, no sentido que é abordado na fala, torna-se uma característica que é entendida pelo grupo como uma espécie confusão de gênero por parte de algumas mulheres frente à própria orientação sexual. Ao recusarem discursivamente a constituição de parcerias com as *caminhoneiras* as entrevistadas procuram também se diferenciar e um padrão de relação que reproduziria o estereótipo heterossexual.

No entanto, como reflete Cristine (23 anos, estudante de administração) *existem caminhoneiras de todos os tamanhos, desde as caminhoneiras S10, passando pelas caminhoneiras volvo até as scanias*. A metáfora fixa uma referência à profissão de caminhoneiro ou o fato de dirigir caminhão, tomado como signo de masculinidade. Ao mesmo tempo, ela equipara diferenças nas formas corporais as mulheres à diferença de tamanhos entre os veículos, evidenciando que *não é toda sapata gordinha que é caminhoneira*. Veja no depoimento de Aline a ênfase na preocupação estética como critério de feminilidade:

“Uma mulher masculina não me atrai, uma mulher que queira parecer um homem sabe, que use camisa e calça de prega, tipo aquelas que a gente viu na festa da Parada, aquelas, as mulheres sapatão, não no sentido de gorda até porque a Livia [parceira] também é gordinha, mas ela tem um rosto lindo e se preocupa em ficar bonita e tal, tem um estilo.”

Embora o uso no aumentativo de termos como *mulher caminhão* ou *sapatão* como aparece traga uma forte referência às formas corporais, Aline emprenha-se defender a especificidade, *o estilo*, de feminilidade da parceira. Desse modo, ela

destaca a falta de um investimento na aparência como característica da *caminhoneira*, aqui tomada como sinônimo de *sapatão*.

Em pesquisas realizadas na Suíça e na França Perrin e Chetcuti discutem sobre as diferentes formas de ser que as lésbicas podem adotar, em relação à identificação com o masculino e com o feminino. Os dados coletados por elas também sugerem que as mulheres entrevistadas associam uma imagem negativa à “lésbica masculina”¹³. Segundo as autoras, de uma forma geral, as mulheres procuram se distanciar do estigma imposto pela designação *caminhoneira*. Uma outra recorrência em relação aos dados aqui apresentados é a percepção das mulheres entrevistadas na França e Suíça de que “a *caminhoneira* é sempre a outra”.

O fato de diferenciarem a si e às parceiras do estereótipo da *caminhoneira* não implica que a referência ao feminino seja homogênea. Pelo contrário, não é apenas do masculino que as mulheres se diferenciam, é também de um determinado tipo qualificado como feminino *perua*, *barbie* ou *patricinha*. De maneira semelhante, esse tipo de feminino é também desqualificado na constituição da parceria. A esse propósito, lembro a fala de Thaís, dizendo que se atraía por mulheres femininas, mas que essas não precisavam ser *uma barbie*. Retomando os dados sobre a apreciação das potenciais parceiras, encontrei várias referências a mulheres que são consideradas desinteressantes por serem *muito peruas*. Dentre as narrativas que apontam as *peruas* como parceiras não desejáveis, destaco a caracterização elaborada por Rosana (39 anos, professora universitária) desse tipo de feminino:

“Eu jamais ficaria com aquelas mulheres bem peruas sabe, que tem umas unhonas enormes e estão sempre muito bem maquiadas, aquela coisa do ultra-feminino, sabe, que usam perfumes super doces, e estão sempre usando vestidos exuberantes e calçando sapatos com aqueles saltos muito altos e muito finos, esse tipo de mulher me causa um pouco de repulsa.”

As características do ultra-feminino ou de feminino caricato destacadas são interpretadas por Rosana como representativas dos padrões de beleza heterossexuais impostos pelas normas de gênero. Bastante influenciada pela discussão feminista, essa narrativa é exemplar da construção de um tipo de feminino atribuído a si e às parceiras, em oposição ao padrão descrito. Nessa mesma rede de relações, encontramos um outro exemplo, o de Carla, que acentua os padrões mais tradicionais de comportamento feminino:

¹³ Embora algumas mulheres destaquem a necessidade de adotar aspectos do comportamento masculino para “adquirir um lugar”, como estratégia de proteção, código identitário ou como “alternativa a um feminino imposto”,

“Eu não gosto de mulheres femininas demais, que traduzam uma conformidade com padrões, eu gosto de pessoas que transgridam um pouco essa diferença de masculino e feminino (...) eu jamais ficaria com mulheres assim muito mairias, sem atitude, conformadas as situações de opressão que vivem. Essas pessoas não só não me atraem como me repulsam porque eu sempre procurei cultivar ao meu redor pessoas que transgredissem isso.”

O esforço de construção de um feminino *perturbador*, que transgrida as normas da ultra-feminilidade e do conformismo com a situação de opressão da mulher resulta numa preferência pelo andrógino. De forma semelhante, as mulheres entrevistadas por Perrin e Chetcuti, também manifestam a preferência pela “norma do justo meio” expresso na idéia de “não sou nem um cara, nem uma boneca”. As autoras afirmam que:

“Ainda que não querendo assemelhar-se às mulheres, tal como são socialmente definidas e em particular às mulheres heterossexuais, as lésbicas querem, mesmo assim, permanecer mulheres. Para elas, utilizar as características sociais designadas como masculinas significa não se assemelhar aos homens, mas neutralizar a dominação masculina, rejeitando, ao mesmo tempo, os atributos designados ao sexo social mulher” (PERRIN; CHETCUTI, 2002).

Na leitura feita pelas autoras a androginia permite ir além das características associadas à categoria mulher, porém não contesta o próprio sistema de gênero, marcado pela oposição entre masculino e feminino. Isso seria consequência do fato de a linguagem e os discursos, que estruturam as socializações das lésbicas, estarem baseados nas referências de oposição entre masculino e feminino.

Não adianta ser bonita se a mulher só faz bafão

Início a análise dos dados sobre o *bafão* a partir da referência a uma casa noturna, vinculada ao público homossexual e em especial o feminino. O *Vitraux* é descrito por Aquino (1992) como um estabelecimento privilegiado em termos de oferta de lazer e divertimento para o público homossexual feminino em Porto Alegre. Mesmo tendo passado mais de dez anos em relação a essa descrição, ao visitar o local é possível verificar a frequência de um grande número de mulheres. Além disso, o local é referência, na fala de minhas interlocutoras, como um espaço tradicionalmente voltado ao *público feminino homossexual*.

No entanto, não foram poucas as negativas que recebi de minhas informantes ao convidá-las para ir ao local. Numa ocasião, em um bar da Cidade

Baixa, tomando uma cerveja com a ex-namorada, Cíntia (25 anos, química industrial) condensa algumas das justificativas para não me acompanhar ao *Vitraux*:

“É por causa do público que vai lá, sabe, porque dá muito bafão, e também por que não dá pra querer com as músicas que eles tocam. Nós até fomos no ano novo, porque dá uma festa legal e não tem nada em outro lugar, mas mesmo assim não deu pra ficar muito tempo. (Pergunto por quê?) Tu ia conseguir ficar num lugar que só toca Bonde do Tigrão e Egüinha Pocotó? Por favor!”

A fala de Cíntia enfatiza três elementos que desqualificam o *Vitraux* e o colocam parcialmente fora do seu campo de possibilidades em termos de opção de lazer. O primeiro deles é o tipo de público, cujas características já foram apresentadas acima, que pode ser resumido pela expressão *lá só tem caminhoneira*. Um segundo motivo evidenciado na fala é o comportamento considerado escandaloso, expresso pela idéia de *dar bafão*, que também está associado à qualidade da música. Todas essas indicações que a fala nos fornece remetem a um gosto de classe e às expectativas de gênero que são compartilhados pelas participantes da pesquisa com as quais o *Vitraux* e seus frequentadores se chocam.

A recusa desse espaço como opção de lazer e sociabilidade evidencia um outro elemento importante que dá sentido ao feminino reivindicado pelo grupo estudado, a performance discreta no espaço público. Esse dado também aparece quando as entrevistadas falam da preferência por parceiras que tenham uma *postura feminina*, como é expresso na fala de Sílvia:

“Tem que ser uma mulher que tenha uma postura feminina, essa é a que mais me atrai, porque tem sempre aquela coisa que a gente chama de bafão né, umas que outras são bem conhecidas, tipo, a mulher é bonita, mas a postura dela, vive cheirando e enchendo a cara, quando vai pra noite faz bafo, só briga, dá fiasco, sabe.”

Ao desqualificar a *mulher bonita que faz bafo*, Sílvia indica que não basta corresponder aos padrões estéticos para ser considerada uma parceira desejável. A busca por uma *postura feminina* informa sobre um código de comportamento que organiza as atitudes em determinado espaço, em relação à qual as mulheres que dão *bafão* são desqualificadas. Em outras palavras, *dar bafão* demonstra um não domínio desses códigos de comportamento, uma atitude escandalosa.

Outra atitude geralmente associada ao *bafão* são as brigas entre parceiras em lugares públicos, entre as quais uma das mais condenáveis é *fazer cena de ciúmes*. As brigas por causa de ciúmes também constituem uma justificativa muito utilizada

pelas mulheres para não freqüentarem o *Vitraux*. Evocar situações de quebra-quebra e violência física como exemplares do que acontece comumente na casa noturna são uma constante nessas narrativas. Isso, porém, não significa que as mulheres nunca freqüentem a casa, no entanto, quando o fazem justificam-se dizendo que vão apenas nos *shows da drägs*, quando o ambiente está mais *descontraído*.

A desqualificação do *Vitraux* enquanto uma possibilidade de lazer noturno e de interação com parceiras potenciais está em grande medida relacionada a sua fama de lugar *bafão*. Nesse contexto, a produção da feminilidade valorizada se apóia não mais em características estéticas e sim naquilo que Bourdieu (1983) caracteriza como gosto de classe. Segundo o autor, o gosto que orienta esse tipo de preferências pelo consumo de determinadas ofertas de lazer e entretenimento está vinculado às relações dos indivíduos uns com os outros e com as coisas, que importam em virtude do seu valor distintivo. Assim, a freqüência ou não ao *Vitraux* pode ser analisada como uma espécie de marcador de classe social, que diferencia o estilo de vida de classe média, intelectualizada, de outros grupos sociais considerados inferiores.

Para ilustrar essa proposição, chamo a atenção para uma das quatro redes de relações que compõem o universo da pesquisa. É, dentre as quatro, a única das quais consegui acompanhantes para visitar a boate. Trata-se de uma rede em que algumas mulheres passavam por um processo de ascensão social e, portanto, como enfatiza Bourdieu, por um processo de aquisição e aprendizado do gosto de classe. Nem todas as mulheres da rede com as quais interagi freqüentavam atualmente o local. Apenas uma delas admitia que a boate estava entre as suas preferências de lazer. As outras referiam já ter freqüentado o local, *tempos atrás*, sendo que atualmente preferiam não o fazer. No entanto, algumas delas, ao freqüentarem ambientes considerados mais refinados apresentam um comportamento pouco adaptado, sendo comum serem advertidas e marginalizadas, pelas amigas e por outras mulheres, pelos seus *bafões*.

Certa vez, quando estava no Venezianos, presenciei a uma dessas advertências. Na entrada no pub, Ana (25 anos, fiscal da Receita Federal) que cumprimentava algumas amigas próximo à chapelaria, começa a se comunicar com um grupo que está mais ao fundo, gesticulando. Percebo o incomodo da moça na chapelaria, que não se contém diante da insistência com que Ana repete a expressão *bêbada*, para saudar outras mulheres. *Escuta tu não estás no Vitraux!* Adverte a moça da chapelaria tocando discretamente o braço de Ana. Num contexto como esse, de expectativas em relação à constituição de parcerias, esse tipo de *bafão* coloca Ana numa posição de parceira não desejável.

Outro típico *bafão* é a insistência num flerte não correspondido. Esse dado resulta do meu próprio aprendizado em lidar com as situações de parceria potencial. Para demonstrar a uma mulher, pela qual estava sendo cortejada, que não estava interessada em estabelecer parceria, a estratégia mais adequada era, em circunstâncias de investimento de olhares sair do seu campo de visão. Como a troca de olhares é um elemento fundamental do flerte, ao sair do campo de visão

da mulher, eu recusava ser cortejada por ela. Além disso, numa situação mais evidente de interesse, eram acessadas as redes de relações para informar o interesse de uma mulher por outra e sua correspondência ou não. Quando, no entanto, uma mulher não respeita esse código e insiste pessoalmente e de forma verbal no flerte, o resultado não podia ser diferente, *dava um bafão*. Ou seja, a mulher insistente provocava uma situação constrangedora em que a mulher cortejada tinha de *dar um fora explícito*. Esse tipo de insistência na tentativa de estabelecer uma parceria é um tipo de *bafão* que, da mesma forma que os demais, desqualifica a mulher enquanto parceira desejável porque coloca em evidência o seu não domínio dos códigos compartilhados em determinado espaço.

Em virtude do que foi exposto, entendo que o estabelecimento da parceria, que é percebido pelas mulheres como resultado de afinidades psicológicas, está sociologicamente relacionado a uma configuração moral muito específica. Esta especificidade moral, que é compartilhada no âmbito das camadas médias urbanas, caracteriza-se conforme a descrição de Heilborn (2005) Salém (pela valorização de uma configuração conjugal igualitária.

Considerações Finais

Finalizo esse artigo, sublinhando alguns pontos apresentados ao longo do texto que me parecem significativos para a compreensão da constituição de parceria sexual e afetiva entre mulheres de segmentos médios urbanos. Gostaria que eles fossem entendidos não como notas conclusivas, mas como leituras possíveis e pensáveis a partir da experiência de pesquisa e escrita etnográfica no campo da sexualidade.

A partir da noção de parceria sexual e afetiva busquei deslocar o interesse pelo estudo da identidade relacionada à sexualidade para a uma abordagem centrada práticas sociais envolvidas na constituição das relações entre mulheres. O principal ganho dessa abordagem em termos metodológicos foi à apreensão de arranjos sexuais e afetivos que normalmente não se encaixam em categorias classificatórias como homossexual ou lésbica. A situação da parceria potencial possibilita um borrimento das fronteiras entre homossexualidade e heterossexualidade, frente ao qual proponho questionar em que medida essa oposição é boa para pensar essa temática.

Na seqüência, explorei os espaços e contextos nos quais a parceria sexual e afetiva feminina se estabelece. No que tange à escolha por espaços de sociabilidade, predomina o investimento em uma sociabilidade qualificada (nos termos propostos por Gilberto Velho), o qual se expressa na busca por espaços *abertos* ou *alternativos* e também pelo estabelecimento de relações com pessoas de diferentes orientações sexuais, em detrimento da exclusividade nas relações com pessoas de mesma orientação sexual. Desse modo, mesmo observando uma concentração da população GLBT no bairro Cidade Baixa e arredores, podendo se pensar no estabelecimento de uma região moral na qual as práticas relacionadas á

sexualidade adquirem maior visibilidade, não é possível entender essa concentração a partir de uma concepção de gueto gay e na relação entre sociabilidade e subjetividade que ela encerra.

Como pano de fundo do estabelecimento da parceria sexual e afetiva, destaco o seu caráter ambíguo, dado pela coincidência entre as relações de amizade/solidariedade e de parceria potencial. Essa ambigüidade faz com que muitas vezes as mulheres de mesma orientação erótica sejam preteridas como amigas, em relação aos amigos gays. Estes assumem maior importância no agenciamento da parceria sexual e afetiva feminina à medida que não ameaçam as suas possibilidades de parceria e nem os relacionamentos já constituídos. Essa ambigüidade também marcou o trabalho de campo à medida que a minha abordagem para a participação da pesquisa, muitas vezes era entendida como uma investida sexual.

Argumentei que as redes de relações assumem papel fundamental na organização da sociabilidade bem como no posicionamento das mulheres em relação ao que defini a partir de Béjin e Pollak como “mercado de trocas sexuais”. Mais do que os espaços voltados ao público GLS, as parcerias sexuais e afetivas entre mulheres são agenciadas a partir dessas redes e das ocasiões de interação com parceiras potenciais propiciadas em seu contexto. Uma das leituras possíveis em relação a essa tendência é que elas possibilitam ao mesmo tempo uma troca de informações sobre as parceiras potenciais, o seu conhecimento prévio e a manutenção da situação de ambigüidade da parceria sexual e afetiva feminina.

Ao explorar as características que orientam as escolhas de parceiras, procurei demonstrar como o feminino, que é construído em meio ao estabelecimento de parcerias, elege os elementos estéticos e de comportamento no espaço público para se contrapor aos outros tipos de feminino, tais como o feminino *caminhoneira* e o feminino *perua* e o feminino *bafão*. Além disso, sugiro que o estabelecimento da parceria, entendido pelas mulheres como marcado por afinidades psicológicas, tem como efeito a conformação de um “gosto de classe” e uma configuração moral muito específica. Esta especificidade moral que é compartilhada no âmbito das camadas médias é caracterizada pela predominância da valorização de uma configuração conjugal igualitária e também pelo investimento no cultivo da subjetividade através da relação com a parceira.

A discussão de gênero que permeou todo o texto esteve pautada pela relativização do feminino ou da feminilidade. Levar a sério o que minhas interlocutoras querem dizer quando enunciam uma preferência sexual e afetiva por mulheres femininas implica considerar os entrecruzamentos de gênero e classe social que dão sentidos a essa preferência. Frente a isso, os dados permitem relativizar a compreensão das relações entre mulheres como preferência erótica por pessoas do mesmo sexo. Os dados apontam não apenas para a desqualificação de determinados tipos de mulheres como parceiras potenciais como também para possibilidade de parceria com homens de características *femininas* e/ou *feministas*. A partir da análise das trajetórias o que se pode inferir é uma preferência erótica

orientada pelo compartilhamento de uma subjetividade feminina que independe, ou pelo menos se sobrepõe às características sexuais das parceiras.

Bibliografia

- AQUINO, Luís Octávio Rodrigues. As Derivas do Desejo: Processos de construção, manutenção e manipulação de identidades lésbicas em um conjunto de mulheres em Porto Alegre. *Dissertação* (Mestrado em Antropologia Social) Instituto de Filosofia Ciências Humanas. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1992.
- BARBOSA, R; KOYAMA, M. Mulheres que fazem sexo com Mulheres. *Cadernos de Saúde Pública*. Rio de Janeiro, 22(07), 2007.
- BÉJIN, André & POLLAK, Michael. La Rationasation de la sexualité. *In: Cahiers Interationaux de Sociologie*. Paris: Vol. LXII, 24 annés, Presses Universitaires de France, p. 105-125, 1977.
- BOURDIEU, Pierre. Gostos de Classe e Estilos de Vida. *In: _____ Bourdieu, P. Sociologia*. Coleção Os Grandes Cientistas Sociais, São Paulo: Ática, 1983. p. 82-121.
- BOZON, Michel. Observer l'inobservable: la description et l'analyse de l'activité Sexuelle *In: Sexualité et Sida: Recherches en sciences sociales*. Paris: ANRS, 1995. p. 39-56.
- BUTLER, Judith. *Problemas do Gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CAREAGA, Glória. Relaciones entre mujeres. *In: Primeira Reunião Regional Sobre "Sexualidades, Salud y Derechos Humanos Entrev: America Latina, 5, 2003*.
- COSTA, Jurandir Freire. *A inocência e o vício - Estudos sobre o homoerotismo*. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 1992.
- D'EMÍLIO, John. Capitalism and Gay Identity *In: PAPER, R e AGGLETON, P. Culture, society and sexuality. A Reader*. Londres, UCL Press, 1999. p. 239-247.
- DUMONT, Lois *O individualismo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.
- FACCHINI, Regina. Mulheres, Diversidade Sexual, Saúde e Visibilidade Social. *In: RIOS, L. F. Almeida, et al. Homossexualidades: Produção Cultural, Cidadania e Saúde*. Rio de Janeiro, ABIA, 2004. p. 34-43.
- _____. *Sopa de Letrinhas. Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.
- FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade: A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- HARAWAY, Donna J. Gender for a Marxism Dictionary: The Sexual Politic of a word. *In: Parker, R; Aggleton, P. Culture, society and sexuality. A reader*. Londres: UCL Press, 1999. p.76-96.
- HEILBORN, Maria Luiza. Dois é par: gênero e identidade social em contexto igualitário. *Tese* (Doutorado em Antropologia Social). Museu Nacional. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1992. Publicado pela Garamond Universitária, 2004.

- _____. Ser ou Estar homossexual: dilemas da construção da identidade social. *In:* Parker, Richard e Barbosa, Regina. *Sexualidades Brasileiras*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996. p.136 – 148.
- LEVINE, Martin Gay Ghetto. *In:* Levine, M. *Gay men: the sociology of male homosexuality*. New York: Harper & Row, 1979.
- MEINERZ, Nádia. Um Olhar Sexual na Investigação Etnográfica. *In:* BONETTI, Alinne e FLEISCHER, Soraya. *Entre Saias Justas e Jogos de Cintura*. Florianópolis: Mulheres; Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2007.
- MOTT, Luiz. *A cena gay em Salvador em Tempos de Aids*. Salvador: Editora do Grupo Gay da Bahia, 2000.
- MUNIZ, Jaqueline. Mulher com mulher dá jacaré, uma abordagem antropológica da homossexualidade feminina. *Dissertação* (Mestrado em Antropologia) Museu Nacional/Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: 1992.
- PARK, R. E. A Cidade: sugestões para a investigação do comportamento do meio urbano. *In:* Velho, Otávio. *O fenômeno Urbano*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979. p. 26-67.
- PERLONGHER, Néstor Osvaldo. *O negócio do Michê: A prostituição Viril*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- PERUCCHI, Juliana. Eu, Tu, Elas: investigando os sentido que mulheres lésbicas atribuem às relações sociais que estabelecem em um gueto gls de Florianópolis. *Dissertação* (Mestrado em Psicologia) Faculdade de Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2001.
- PERRIN, C. & CHETCUTI, N. Além das Aparências. Sistema de gênero e encenação dos corpos lesbianos. (trad. L. Machado e T. N Swain) *In:* *Labrys - Revista de Estudos Femininas*. N.1/2, julho/dezembro, 2002. Disponível em <<http://www.unb.br/ih/his/gefem/labrys>>
- POLLAK, Michael. A homossexualidade Masculina, ou: Felicidade no gueto? *In:* *Sexualidades Ocidentais*. São Paulo: Brasiliense, 1985. p.54-75.
- SALEM, Tânia A trajetória do “casal grávido”: de sua constituição à revisão de seu projeto. *In:* FIGUEIRA, Sérvulo. *Cultura da Psicanálise*. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 35-61.
- _____. Casal Igualitário: princípios e impasses. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. Vol. 3, nº 9, 1989.
- SCHNEIDER, David. *A critique of the study of Kinship*. Michigan: The University Michigan Press, 1992.
- SIMMEL, G. Sociabilidade – Um exemplo de sociologia pura ou formal. *In:* *Simmel, G.- Sociologia*. Coleção Os Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Ática, 1983. p. 165-181.
- STRATHERN, M No nature, No culture: The Hagen Case. *In:* MACCOMARCK, C. E & STRATHERN, M. *Nature, Culture and Gender*. New York: Cambridge University Press, 1992. p. 174-222.
- STRATHERN, M. Entre uma melanesianista e uma feminista. *In:* *Cadernos Pagu*. 8/9, p. 7-49,1997.
- VELHO, Gilberto. *Subjetividade e Sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1989.

- WAIZBORT, Leopoldo. *As Aventuras de George Simmel*. Rio de Janeiro: Editora 34, 2000.
- WESTON, Kath The Ideology off Gay Families. *In*: THORN, Barrie; YALOM, Marilyn. (Orgs.) *Rethinking the family: some femininst questions*. Standford, Califorina: Standford Univ. Press, 1992. p.119-139.
- WIRTH, L. The Guetto. *In*: *On Cities and Social Life*. Chicago, Chicago Press, 1969.